

CORA CORALINA, MULHER-MÃE-DOCEIRA- POETA, E A RELAÇÃO DE GÊNERO E ESPAÇO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E DE IDENTIDADE: CONTRIBUIÇÕES NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E DE ADULTOS (EJA).

Sofia Regina Paiva Ribeiro¹

Resumo

Em Goiás, os doces fazem parte da identidade cultural. Ana Lins, Cora Coralina, além de encantar com doces era escritora. Sua obra literária descreve as lembranças da infância e as dimensões socioculturais ocorridas na passagem do século XIX para o XX, mormente em relação à mulher, que se mostra não como gênero frágil, mas como um ser que busca voz numa sociedade patriarcalista. Figura emblemática, um ícone da luta contra os preconceitos de sua época, ficou conhecida pela sua independência dos modismos literários. Busca-se analisar, através de estudos bibliográficos, a contribuição de Coralina no cenário literário atinente à problemática relacionada à questão de gênero e ao processo identitário entre sujeito e cidade. Como arcabouço teórico, utiliza-se a análise do sujeito no discurso, pautado em Pêcheux e Foucault. Em seu legado poético é possível inferir que identidade, sujeitos e lugares aparecem entrelaçados através da descrição física, social e cultural da cidade de Goiás Velho. Ressalta-se que seu exemplo de vida, dedicação e persistência são exemplo para várias mulheres, dentre elas: alunas da educação de jovens e adultos – EJA.

Palavras-chave: Sujeito. Mulher. Identidade. Cora Coralina. Currículo, Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Abstract: CORA CORALINA, MOTHER-SWEET-POET, AND A RELATION OF GENDER AND SPACE IN THE CONSTRUCTION OF MEANINGS AND IDENTITY: CONTRIBUTIONS ON THE YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE)

In Goiás, sweets are part of cultural identity. Ana Lins, Cora Coralina, besides enchanting with candy was a writer. Her literary work describes the memories of childhood and the sociocultural dimensions that occurred in the passage from the nineteenth century to the twentieth, especially in relation to women, which is shown not as a fragile gender but as a being who seeks a voice in a patriarchal society. An emblematic

¹ Professora da rede estadual de ensino, lotada no CEJA Donaninha Arruda, em Baturité-Ce. Mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Especialista em Gestão da Educação Pública (UFMG), Informática Educativa (UECE), Mídias na Educação (UFC), Licenciada em Letras: Português e Literatura (UECE).

figure, an icon of the struggle against the prejudices of his time, he was known for his independence from literary idioms. It is sought to analyze, through bibliographical studies, the contribution of Coralina in the literary scenario related to the problematic related to the gender issue and to the identity process between subject and city. As a theoretical framework is used the analysis of the subject in the discourse, based on Pêcheux and Foucault. In his poetic legacy it is possible to infer that identity, subjects and places appear intertwined through the physical, social and cultural description of the city of Goiás Velho. It is noteworthy that her example of life, dedication and persistence are examples for several women, among them: students of youth and adult education - EJA.

Keywords: Subject. Woman. Identity. Cora Coralina. Curriculum. Youth and Adult Education (YAE).

Resumen: CORA CORALINA, MUJER-MADRE-DULCE-POETA, Y UNA RELACIÓN DE GÉNERO Y ESPACIO EN LA CONSTRUCCIÓN DE SENTIDOS Y DE LA IDENTIDAD: UN CURRÍCULO DE LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EJA)

En Goiás, los dulces forman parte de la identidad cultural. Ana Lins, Cora Coralina, además de encantar con dulces era escritora. Su obra literaria describe los recuerdos de la infancia y las dimensiones socioculturales ocurridas en el paso del siglo XIX al XX, principalmente en relación a la mujer, que se muestra no como género frágil, sino como un ser que busca voz en una sociedad patriarcalista. La figura emblemática, un icono de la lucha contra los prejuicios de su época, se hizo conocida por su independencia de los modismos literarios. Se busca analizar, a través de estudios bibliográficos, la contribución de Coralina en el escenario literario concerniente a la problemática relacionada a la cuestión de género y al proceso identitario entre sujeto y ciudad. Como marco teórico se utiliza el análisis del sujeto en el discurso, pautado en Pêcheux y Foucault. En su legado poético es posible inferir que identidad, sujetos y lugares aparecen entrelazados a través de la descripción física, social y cultural de la ciudad de Goiás Velho. Se resalta que su ejemplo de vida, dedicación y persistencia son ejemplo para varias mujeres, entre ellas: alumnas de la educación de jóvenes y adultos - EJA.

Palabras-clave: Sujeto. Mujer. Identidad. Cora Coralina. Currículo, Educación de Jóvenes y Adultos (EJA).

1. INTRODUÇÃO

Cada local tem suas peculiaridades, suas características regionais, tendências e tradições. Em Goiás, também conhecida por Cidade de Goiás ou Goiás Velho, não é diferente. Lugar histórico e turístico conhecido, também, pelos seus doces, é reconhecido como Patrimônio Histórico Mundial (BRASIL, 2001). O ofício de doceira, em Goiás, é uma tradição, uma arte, pois cada cozinheira guarda seus segredos que passam de geração para geração, o que torna cada receita única e especial.

Agora, tudo fica especial quando se pode saborear doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja feitos por mãos delicadas e firmes de uma Senhora que ora prepara essas “Isto é que se chama aproveitar o tempo, numa só festa (...) casa a filha e chega a cegonha(...)” guloseimas, ora confecciona versos. A primeira arte é uma mistura sensorial de aromas, cores e sabores que encantam os paladares mais diversos e alimenta nosso corpo; a segunda, alimenta a alma, tem um gostinho de alegria, nostalgia, saudade, contentamento... faz rir e chorar. É assim que as receitas de sucesso fizeram de Ana Lins um ícone da nossa cultura, uma mulher valente, forte, guerreira que soube transmitir leveza e doçura em suas obras. De acordo com Barbosa (2002, p.100)

Ela nunca sucumbiu diante das dificuldades e das perdas. Valendo-se de sua destreza e tino comercial, trabalhava incansavelmente. Plantou roças de milho e roseiras, fez doces e vendeu enciclopédia para a editora José Olympio, que mais tarde publicou seu primeiro livro.

Ana Lins nasceu em Goiás Velho, antiga capital de Goiás, em 20 de agosto de 1889, filha de Jacinta Luiza do Couto Brandão Peixoto e do Desembargador Francisco de Paula Lins do Guimarães, filha caçula que fica órfã de pai muito cedo. Por ter um nome comum, optou pelo pseudônimo Cora Coralina. Segundo a autora, a escolha teve como motivação: Cora em referência a coração e Coralina, da cor vermelha.

Pertencente a uma família tradicional, foi criada e educada seguindo as tradições culturais da época.

Em 25 de novembro de 1911, sai de casa na calada da noite com o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, 20 anos mais velho, casado e separado. Grávida de seu primeiro filho, foi morar em Jaboticabal, depois em Avaré, Andradina e “Isto é que se chama aproveitar o tempo, numa só festa (...) casa a filha e chega a cegonha(...)” em São Paulo, capital. A união foi oficializada após a morte da primeira mulher de Cantídio, 15 anos depois.

Com uma personalidade marcante, consagrou-se como mulher-monumento, pelo fato de ter vivido num período de grandes transformações socioculturais, sobretudo a busca da mulher pelo seu reconhecimento e espaço na sociedade da época. Costumava relatar que o casamento a libertou, mas trazia outras formas de limitação.

A poeta ficou viúva após 45 anos de união. Como mulher decidida, retomou as rédeas do seu destino; tornou-se dona de pensão e, logo depois, de um pequeno comércio de artigos femininos. Com os filhos criados e encaminhados na vida, em 1956, volta a Goiás Velho, motivada a evitar que um sobrinho se apoderasse da propriedade da família, por usucapião.

A autora traz em seu contexto literário uma escrita permeada de subjetivação, sem rigidez métrica e com características épica e lírica. No que tange aos sujeitos discursivos presentes nos textos coralíneos, optou-se pela análise do discurso, em recortes de obras variadas, onde é possível vislumbrar a posição da identidade feminina, bem como os espaços físicos (como cenário) delineados na sua obra. “Eu sou aquela mulher/ que ficou velha/ esquecida/ nos teus larguinhos e nos teus becos tristes” (CORALINA, 2004, p. 37).

É, indubitavelmente, uma figura emblemática, que se destacou não só no âmbito literário, mas com seu exemplo de vida, de sensibilidade e simplicidade. Conhecida na região centro-oeste, teve notoriedade nacional após uma carta cujo famoso remetente tecia elogios à sua obra. Era o renomado escritor Carlos Drummond de Andrade. Seus adjetivos são bem expressos por Andrade (1984):

Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de nós, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (Carlos Drummond de Andrade).

Extraí-se que vida e obra se entrelaçam mutuamente na produção literária de Coralina. A suas habilidades, ora como escritora ora como doceira, permeavam um misto sensorial de sentimentos, aromas, cores e sabores. A condição de doceira, historicamente atribuída ao gênero feminino, fez dos doces de Coralina uma forma de expressão e realização. Segundo Foucault (2006), escrever sobre si é uma prática de constituição subjetiva, é um ato de conhecer-se. Aborda-se ainda a contribuição da obra de Cora Coralina na formação dos estudantes integrados, especialmente mulheres, à modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.

2.1. Itinerário Metodológico.

O estudo contempla os critérios teórico-metodológicos da pesquisa bibliográfica exploratória. Como embasamento teórico, seguem-se as etapas de levantamento, seleção e fichamento da literatura relacionada à temática. Conforme Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos.

Como aporte teórico deste trabalho de pesquisa, buscar-se-á contribuições acadêmicas em torno de temas relacionados à vida e obra de Cora Coralina, o contexto sócio-histórico do século XX, o papel da mulher na sociedade da época, e a relação entre sujeito e os espaços físicos e cultural na obra literária de Coralina.

Essas contribuições servirão de base para comprovar a relevância acadêmica deste trabalho. Dentre esses estudos podemos citar Pêcheux (1997), Delgado (1999), Foucault (2001), Barbosa (2002), entre outros. Far-se-á, também, pesquisas a fontes

secundárias: documento, livros, periódicos (jornais, revistas etc), artigos, documentos monográficos e sites confiáveis.

A revisão crítica da literatura e as contradições sobre o tema são etapas significativas na pesquisa. Parte-se do princípio que a literatura é um produto cultural e que, dessa forma, vida e obra estão interlaçadas no contexto histórico, social e cultural de uma época. No contexto atual, abre-se um parêntese para ressaltar, Coralina é um exemplo para várias mulheres, dentre elas: as que fazem parte do corpo discentes da educação de jovens e adultos.

2.2 Cora-Doceira e Cora-Poeta: doce e poesia se entrelaçam

Voltar às raízes não é nada fácil. Apesar de ter oficializado a união, ainda havia rumores sobre uma jovem que havia deixado a cidade de forma pouco convencional, na calada da noite. Mas, como mulher aguerrida, que sempre esteve à frente de seu tempo, Coralina mostrou-se indiferente aos comentários e continuou na produção literária, ao passo que iniciou uma nova etapa de sua vida, a culinária, habilidade que a escritora considerava, assim como a poesia, outra forma de comunicação. “Fiz doces durante quatorze anos seguidos. Ganhei o dinheiro necessário. Tinha compromissos e não tinha recursos. Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior. Fiz amigos e fregueses. Escrevi livros e contei histórias”. (CORALINA 1983, p.57)

A doçaria faz parte dos atrativos para os turistas que visitam as belezas da região. Reza a lenda, que todo turista leva um pouco de Goiás no coração e nos doces, que são vendidos em quitandas, lojas ou nas casas das hábeis cozinheiras, como era o caso de Coralina. De acordo com Delgado (1999).

Ser doceira para Cora Coralina significou a possibilidade de finalmente ser livre para retomar à escrita, assumindo, já sexagenária, o destino que ela começou a traçar aos catorze anos, mas abandonou para ser esposa e mãe. Portanto, o ofício de doceira está associado à ruptura e faz parte da construção de uma nova identidade, por isso, é núcleo fundamental quando Cora narra sua história de vida.

Para Coralina, a fabricação dos doces, iniciada em 1964, proporcionou uma melhor condição financeira, permitindo-lhe dedicar-se, também, a escrever seus poemas. Dessa forma, o ofício de doceira confunde-se ao de escritora, tornando-se ora “doceira-poeta”, ora “poeta-doceira”, numa delicada combinação de doces e poemas. Nasce, então, essa combinação sensorial que agrada pela singularidade de sua obra e pela doçura das suas iguarias. As receitas, herança da família e, portanto, carregadas de valores, foram aperfeiçoadas de geração em geração. Segundo Maciel (1996) os pratos típicos de uma região/local, são frutos de uma “cozinha emblemática” e expressam identidades culturais de um local.

Os doces de laranja da terra, figo, goiabada e banana eram feitos com carinho e encantavam os mais diversos paladares. A cozinha era (é) considerada um espaço “Isto é que se chama aproveitar o tempo, numa só festa (...) casa a filha e chega a cegonha(...)” socialmente feminino. Em Goiás, esses ambientes eram amplos e aconchegantes. Para Coralina, os doces não eram apenas uma fonte de renda, mas uma forma de interação com as pess “Isto é que se chama aproveitar o tempo, numa só festa (...) casa a filha e chega a cegonha(...)” oas que confiavam em seus dotes culinários. Fato este expresso pela escritora ao ser entrevistada por um jornal da região: “De uma forma ou de outra, sempre proporcionarei uma sensação estética com prazer àqueles com quem me comunico, embora lhes atinja o estômago e não o coração” (O POPULAR, GOIÂNIA, 02/04/71).

Ana Lins, doceira por vocação e poetisa por natureza, deixou os tachos de cobre em 1978, por consequência de uma fratura no fêmur que a fez usar muletas, mas sua paixão pela culinária continuou em suas obras literárias. Cora Coralina, em depoimento na fase de prospecção do filme “Cora Doce Coralina” (1982) externou:

Da mesma forma por que eu procuro escrever bem eu procurava fazer bem os meus doces e consegui porque eu fiz o nome de doceira que há quatro anos desativei meus tachos e ainda hoje sou uma doceira e ainda hoje há fregueses que vêm aqui procurar meus doces.

Inevitavelmente, doce e poesia se entrelaçavam e se complementavam, proporcionando a divulgação dos talentos de Coralina, pois, ao procurar a doceira, o visitante conhecia a poeta e acabavam se interessando por suas obras, e vice-versa. Coralina representa não somente as mulheres de Goiás, mas de uma geração de mulheres em diferentes âmbitos sociais do século XX. Pêcheux (1997) ressalta a não neutralidade dos discursos, fato este constatado na análise das posições discursivas dos sujeitos, refletidas no contexto linguístico.

A poeta impulsionou a tradição dos doces naquela região, fonte de renda de muitas famílias, ao passo que transformou o tradicional doce de frutas em souvenir da Cidade de Goiás. “A cidade conta com cerca de trinta doceiras que produzem e comercializam os doces em lojas ao lado do artesanato local” (DELGADO, 1999).

Registra-se, também, que a autora é uma referência na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Suas obras e seu exemplo de vida são relatos comuns nessa modalidade. “O grande livro que se sempre me valeu e que aconselho aos jovens, um dicionário. Ele é pai, é tio, é amigo e é um mestre. Ensina, ajuda, melhora, protege.” (CORA CORALINA, 1997, p. 127). A referida citação foi retirada de uma oficina de leitura realizada no Centro de Educação de Jovens e Adultos Donaninha Arruda, em Baturité - Ceará, conhecido como CEJA Baturité, em agosto de 2016.

Pereira (2013), em sua obra intitulada “A leitura da literatura na educação de jovens e adultos” sugere que a poesia e a prosa de Cora Coralina sejam trabalhadas no programa de língua portuguesa na EJA. Acrescente-se que, além da sua riqueza literária, a escritora é um exemplo para muitas mulheres que passaram anos fora do ambiente de estudo e decidem começar ou retornar à discência. Cora Coralina (1983), em seu livro “Vintém de c “Isto é que se chama aproveitar o tempo, numa só festa (...) casa a filha e chega a cegonha(...)” obre: meias confissões de Aninha”, relata que “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

2.3 A Jornada literária: vida transformada em memória

Desde cedo, Maria Lins encantou-se pelo mundo dos códigos linguísticos. A “doce” poetisa começou a escrever seus poemas com pouca escolaridade, em 1903, aos 14 anos, o que não era comum na época. Em conformidade com os relatos históricos, no período entre os 16 e 21 anos, a escritora ganhou destaque local como escritora, conferencista, declamadora e jornalista. A simplicidade da escrita e a inobservância de algumas regras gramaticais favoreciam uma produção rica em detalhes, em que o foco era a mensagem, ao invés da forma.

Importante citar a publicação no jornal de poemas femininos “A Rosa”, em 1908. Logo após, em 1910, o conto “Tragédia na Roça”, de sua autoria, foi publicado no “Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás”, usando o pseudônimo de Cora Coralina.

A escritora começa a ganhar destaque por seus textos com temática simples e leitura fácil, fazendo uma releitura da sociedade da época. “Isto é que se chama aproveitar o tempo, numa só festa (...) casa a filha e chega a cegonha(...)” (CORALINA, 1986, p. 53) trecho do livro Estória da Casa Velha da Ponte.

Pode-se dizer que foi uma poetisa genuinamente brasileira, que não poupou esforço para vencer barreiras e quebrar paradigmas. Seus textos encantam, mostram-se ricos em nuances do cotidiano do interior, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás. “Becos da minha terra.../Amo a tua paisagem triste, ausente e suja” (CORALINA, 2001a, p. 92).

Vivendo longe dos grandes centros urbanos, a poeta ficou distante da influência e dos modismos literários da época, fato que engrandeceu sua obra poética e a fez singular. Essa peculiaridade lhe resultou, em 1910, o título de “melhor escritora” do estado, de acordo com os registros do Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do estado de Goiás. A Escritora dedicou-se a vários outros projetos literários, inclusive para crianças, como por exemplo o poema “O Prato Azul-pombinho”,

transformado em livro em 2002.

Em 1911, sua vida muda completamente, ao fugir com o advogado divorciado Cantídio, indo morar a princípio no interior de São Paulo. De acordo com os relatos biográficos, a escritora foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, mas o marido não a permitiu. Após mais de quatro décadas de união, Cora fica viúva e recomeça outra fase de sua vida.

Após ficar ausente de Goiás por 45 anos, em 1956, Cora Coralina resolve voltar a Casa Velha da Ponte. Nessa fase da sua vida, o ofício de doceira surgiu como mais um desafio e uma história de sucesso. Logo ficou conhecida e reconhecida como exímia doceira. Porém, não se limitou apenas aos doces, publicou um folheto intitulado “O cântico da volta”, dedicando-se a esse projeto até à sua morte, em 1985.

É indiscutível a sua coragem e determinação. Apresentando aparência frágil e olhar terno, a poetisa sempre perseguiu seus sonhos. Enquanto a maioria das senhoras acima de sessenta anos dedicavam-se aos cuidados com os netos e algumas artes manuais como tricô, crochê, bordados e costuras, a referida autora, aos 67 anos, decide ser “livre” e independente, sonho de infância

Hoje meus filhos moram todos em São Paulo e eu aqui. Nem eu tenho vontade de ir para perto deles, nem tenho vontade que eles venham para perto de mim. Porque acho bom assim. Não quero mais limitação na minha vida. Fui limitada na primeira infância, fui limitada de menina, fui limitada de adolescente, fui limitada de casada e não quero ser limitada depois de velha. Hoje, não me sinto livre, me sinto liberta. Não quero mais limitação na minha vida. Não há nada que valha para mim a minha libertação (BOTASSI, 1983, p. 9).

A poetisa e cronista tomou as rédeas de sua História e não mediu esforços para realizar seus sonhos. O livro “Poemas dos Becos de Goiás”, sua primeira obra, foi publicada em 1965 pela Editora José Olympio. Nessa época, a escritora já contava com 75 anos de idade, revelando sua grandeza de mulher que não se deixou abater pela dificuldade, pelas limitações e pelo avançar dos anos.

Entretanto, até então, era uma escritora respeitada e renomada na região, mas pouco conhecida nacionalmente. Essa realidade mudou em 1979, quando uma carta de um consagrado poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, a publicizou em todo o Brasil. A mensagem dizia: “Não tendo seu endereço, lanço essas palavras ao vento, na esperança que ele as deposite em suas mãos (...) Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais”.

É possível observar em outro trecho da carta de Drummond que o ilustre emitente faz um paralelo de espaço entre Minas e Goiás, “Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã de Goiás. Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina”, permitindo inferir o caráter universal da produção literária.

Aos 86 anos, lúcida e atuante, Cora (1976) compôs “Meu Livro de Cordel”, onde faz uma homenagem aos menestréis nordestinos e ressalta a simplicidade da vida, do amor e da morte. Em 1980, a escritora é merecedora de mais elogios de Carlos Drummond de Andrade (1980, p.7):

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências, parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada. Carlos Drummond de Andrade (Caderno B - Jornal do Brasil - Rio de Janeiro, sábado, 27 de dezembro de 1980 - Página 7)

Coralina, comemorando 93 anos, lança a obra “Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha”, publicado pela Editora Global. Neste mesmo período, Cora Coralina foi escolhida como intelectual do ano, sendo a primeira mulher a receber o Prêmio Juca Pato, concedido anualmente, em São Paulo, pela União Brasileira dos Escritores. Dois anos mais tarde, deixando um valioso legado, veio a falecer, em 10 de abril 1985, aos 95 anos, por complicações de uma pneumonia.

A poética de Coralina, muitas vezes, assumida como autobiográfica, está permeada de construções subjetivas, que se materializa linguisticamente para

descrever a busca da mulher pelo seu espaço na sociedade patriarcalista da época, a relação identitária entre sujeito e cidade, em que a antiga “Villa Boa de Goyaz” é descrita em seus becos, ruas e praças.

2.4 Becos, ruas e “o velho casarão da ponte”

Em Identidade, livro de Zygmunt Bauman (2005), pode-se vislumbrar que a diversidade cultural é uma realidade social, e que as pessoas sentem a necessidade de encaixarem-se em grupos identitários. Já Stuart Hall (2000) concebe a constituição da identidade como uma forma de expressar marcar/diferenciar um lugar em relação a outro. Tais entendimentos são oportunos para ressaltar que identidade e discurso são demonstrados através da linguagem. Importante constar que a poética coralineana, em sua escrita autobiográfica, apresenta-se rica em temáticas que aborda a sua cidade natal. (CORALINA, 2004, p. 37-38) “Goiás, minha cidade .../ Eu sou aquela amorosa/ de tuas ruas estreitas ...”

Ainda no mesmo poema Minha cidade (2004, p. 38), Coralina descreve: Eu sou estas casas encostadas/ cochichando umas com as outras. O que permite inferir que os signos que compõem o enunciado descrevem o espaço físico da cidade num misto de sujeito-cidade. Dessa forma, os espaços físicos são descritos com uma riqueza de detalhes, são becos, ruas, igrejas, praças que autora defende e descreve com carinho.

Na obra No gosto do povo (Coralina, 2003, p.74), a autora descreve de forma nostálgica a Cidade de Goiás:

Lembraria aqui a sábia conveniência de voltarem ruas e largos a sua antiga denominação tão original e saborosa. Para exemplo temos o Larguinho do Retentem, marcado numa placa azul, pretensiosamente – Praça Pinheiro Machado. Também aos becos faltam placas com os devidos nomes, enquanto que por malabarismo verbal viram travessa como se a palavra beco tivesse conotação menos gramatical e honesta.

Ao contrário das denominações das ruas, largos e becos que foram “apagadas”, o legado dessa poeta

parece ter vida longa. No Centro-Oeste brasileiro, está localizado um belíssimo casarão que respeita a arquitetura de sua época, bem ao lado do Rio Vermelho em Goiás. Hoje, abriga o Museu da Casa de Cora Coralina. Inaugurado em 1989, guarda um pouco da história desse ícone da literatura brasileira. Além de divulgar a biografia e bibliografia da escritora, o local preserva a identidade sociocultural do povo goiano. Segundo Foucault (1994, p. 2), em seu texto *As técnicas de si* relata que “os homens, em nossa cultura, elaboram um saber sobre eles mesmos”.

A construção é típica da arquitetura colonial, tendo como base paredes de pau a pique e adobe, comuns nas construções da época, um espaço de 3 mil m², cuidadosamente preservado. As áreas construídas, com 300 metros quadrados, mantem os móveis originais da época e compõem os 12 ambientes internos com simplicidade e bom gosto. Dessa forma, manter o Casarão é um meio de preservar a história de Ana Lins, repassando-a para gerações futuras.

Ainda hoje, é possível encontrar no quarto de Cora seus livros, fotos, cartas e a máquina de escrever que foi usada para eternizar suas obras. Dada a sua significância e imprescindibilidade, não há como relatar Coralina sem descrever o seu belo casarão, local onde a escritora-doceira nasceu e morreu (1889-1985).

Não é por acaso que as visitas têm como roteiro inicial a cozinha, local onde Cora passava boa parte do seu dia, onde é possível vislumbrar os tachos de cobre que ela usava para fazer os famosos doces, principalmente os de abóbora e figo. O fogão a lenha, tradição na época, é preservado, assim como tudo na casa. “Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata a que está ligada à vida e à saúde humana” trecho do poema: *Cora Coralina, Quem é Você?*

Percebe-se, no quintal, o cuidado que Cora tinha com as plantas, fonte principal de boa parte dos ingredientes que compunham seus doces. A doceira gostava do contato com a terra, dizia que tirava sua

força e inspiração dela. Como se infere do trecho do poema “A gleba me transfigura”, do livro “*Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha*”. (1983, p.109).

“Sou espiga e o grão que retornam à terra.
Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,
é o arado milenário que sulca.
Meus versos têm relances de enxada, gume de foice
e o peso do machado.
Cheiro de currais e gosto de terra”.

Infere-se do verso acima que o eu poético na poesia de Coralina externa os traços da mulher determinada que foi essa escritora. Com hábitos simples, imiscui-se com plantas e terra, que constituem os referenciais inspiradores para sua produção literária.

Indubitavelmente é uma mulher à frente de seu tempo, cuja escolaridade primária não foi motivo de limitação para tamanha sabedoria, encantando o Brasil com suas obras e ofícios. “A poetisa CORA CORALINA, aos 93 anos de idade com a lucidez de espírito que lhe é peculiar, tornou-se o padrão de toda uma geração. Sua personalidade forte simboliza para as novas gerações de Goiás, e quiça de todo o Brasil” (Cerimônia de outorga do título de “Doutor Honoris Causa” da Universidade Federal de Goiás a Cora Coralina. 1992)

Cora representa nossa cultura, nossas raízes, figura emblemática, mulher aguerrida que busca seus ideais e acredita que as dificuldades são etapas a serem vencidas. Cora não era mulher de desistir fácil como pode-se observar no poema: *Assim Eu Vejo a Vida* (“Folha de São Paulo” - caderno “Folha Ilustrada”, edição de 04/07/2001)

Assim Eu Vejo a Vida

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,

Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Os poemas e o estilo singular da autora a transformaram num ícone, ou seja, numa das maiores poetisas de Língua Portuguesa do século XX. Cora Coralina não deixou apenas um legado intelectual, deixou um exemplo de vida. Sua obra ficou imortalizada através de seus livros. As famosas receitas escritas em cadernos, amareladas pelo tempo, foram adaptadas e transformadas em livro “Cora Coralina - Doceira e Poeta” (Editora Global), em homenagem aos 120 anos de nascimento da escritora. “Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus veros” (Cora Coralina, LP Cora Coralina – Poesia. COMEP/Paulinas, 1989)

A memória autobiográfica é uma constante no cerne da prosa e da poesia de Coralina, cenas da infância, o espaço doméstico podem ser constatados pelos títulos de alguns de seus poemas como: O Velho sobrado, Antiguidades e O passado..., dentre outros. Ressaltando que a biografia descrita pela a autora está ligada intrinsecamente à história da cidade de Goiás, onde o eu lírico retrata de forma saudosa o passado colonial. “E eu digo a você: não há ninguém que não faça sua volta ao passado ao escrever” (Cora Coralina, em “Cora Política Coralina”. Jornal de Brasília, 07 de outubro de 1984).

De acordo com a descrição foucaultiana, os escritos na antiguidade greco-romana eram considerados como um exercício de incorporação do discurso, ou seja, como uma espécie de “virtualidade-física” (FOUCAULT, 2004, P. 432). Já a leitura, era vista pelo filósofo francês, como um procedimento contemplativo, conforme Foucault (2004, p.432) “O exercício de ler, escrever, reler o que se tinha escrito e as anotações feitas, constituía um exercício quase físico de assimilação da verdade[...]”

Dessa forma, entende-se que a escrita é a materialização, agrupamento, dos pensamentos. Segundo Foucault (2004, p. 433)

Escrevemos após a leitura a fim de podermos reler, reler para nós mesmos e assim incorporarmos o discurso verdadeiro que ouvimos da boca de um outro ou que lemos sob o nome de um outro. Uso para nós, mas certamente a escrita é também um uso que serve para os outros.

Coralina imortalizou suas lembranças, entrelaçadas nas práticas femininas do ofício de doceira, num misto de identidade individual e coletiva. A arte de cozinhar foi aprendida enquanto trabalho feminino e a cozinha configura-se como um espaço de prazer e de labuta.

3. CORA CORALINA: CURRÍCULO, INTERDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Parafraseando Paulo Freire (2009), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Como exemplo desse entendimento, Cora Coralina soma sua história de vida simples com seu legado literário, tornando-se uma referência para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mais precisamente para as mulheres “Coralinas” da EJA. A esse respeito, Carvalho (1999, p. 22) salienta que “a incorporação da mulher no sistema educacional brasileiro é recente [...] nos últimos trinta anos que a mulher vem se beneficiando da lenta expansão e democratização do acesso à escola [...]”

A educação consiste num processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores (BRASIL, 2013, p. 10). Nessa perspectiva, a EJA possibilita ao discente, de um modo geral, o desenvolvimento cognitivo, cultural e científico, exigências do mundo contemporâneo.

O conhecimento é a peça fundamental na sociedade moderna e a EJA é o conjunto de aprendizagens formais ou não formais dos indivíduos que enriquecem seus conhecimentos e habilita suas competências a fim de atender suas necessidades em função que a sociedade lhe impõe (ARROYO, p. 12).

Nesse sentido, é imperativa uma prática teórico-metodológica pautada no respeito ao sujeito como um ser socio-histórico-cultural, que traz para o espaço e tempo escolar o conhecimento empírico adquirido ao longo da sua trajetória de vida, suas relações sociais e os limites já impostos pela vida (OLIVEIRA, 1999). Um dos princípios pedagógicos assimilados “entre os que se dedicam à educação básica de adultos é a incorporação da cultura e da realidade vivencial dos educandos como conteúdo ou ponto de partida para a prática pedagógica” (BRASIL, 1995, p. 29).

A EJA traz uma proposta curricular multicultural, que leva em consideração as diferenças culturais, sociais, econômicas, linguísticas, étnicas, de gênero, dentre outros, valorizando o educando em suas especificidades (MOREIRA; SILVA, 2002). Michael Apple (2006, p. 59) preconiza que “o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos”, é um norteador para a prática docente que ganha “vida” na sala de aula, por intermédio da relação pedagógica entre docente e discente.

O Currículo por ser uma proposta norteadora do processo educativo, se transforma no eixo principal da escola, o espaço central em que se atua. Haja vista que é com base no currículo escolar que se planeja as práticas educativas, objetivando oportunizar aos educandos alcançar uma educação de qualidade em que seja permitido facilitar todo o processo educacional que visa a sua formação integral preparando-os para os desafios educacionais, sociais, morais, culturais e econômicos. (DAMASCENO; MESQUITA, 2015)

No CEJA Donaninha Arruda² busca-se inserir, no fazer pedagógico, ações que contemplem o desenvolvimento integral do educando, atentando, também, à distorção idade-série, através de uma proposta curricular que valorize os múltiplos saberes. Para Bannel (2001, p. 122) “Cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural que é plural”.

Atendendo a essas exigências, Cora Coralina configura-se como uma figura emblemática, cristalizada nas ações didático-pedagógicas no

referido CEJA. Dentre as ações e intervenções interdisciplinares que envolvem a poetisa, pode-se citar: oficinas culturais com foco no multiletramento; roda de leitura e produção textual; inclusão digital (com pesquisas interativas), além de aulas temáticas.

No tocante às atividades desenvolvidas em sala de aula, a poesia “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou” (CORALINA, 1983) foi recitada na abertura de um sarau desenvolvido pelos professores de linguagens e códigos na EJA, em gosto de 2018, mês de aniversário natalício da “poeta-doceira”. Desde o ano de 2016 já ocorre também, no mesmo período, a Oficina Cultural: “Doces, sabores e poesia, onde docentes e discentes participam de um momento cultural que envolve poesia e degustação de doces variados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora-doceira Cora Coralina, mulher à frente do seu tempo, produziu sua obra literária no século XX, onde o contexto histórico-social estava dividido entre a cultura patriarcalista e o surgimento dos ideais femininos. Com o modernismo e a expansão das cidades, as mulheres começam a vislumbrar novos horizontes e questionar o papel de submissa à figura masculina. O acesso à escrita e à leitura tornou a mulher conhecedora da sua relevância no cenário social, fato que ocasionou a busca pelo respeito ao gênero e visibilidade no cenário brasileiro.

Cora Coralina encontrou no mundo das letras uma forma de libertação. No trecho poema “Assim Eu Vejo a Vida”, citado anteriormente, é possível inferir que o eu poético retrata a condição feminina e os percalços que a autora teve que enfrentar para conquistar seu espaço em meio às adversidades sociais, tornando-se a primeira intelectual goiana a ser reconhecida nacionalmente.

A escritora teve um papel relevante como defensora dos direitos da mulher, já que, apesar de ter sido

² Uma instituição que faz parte do Sistema de Ensino Público do Estado do Ceará, a única nessa modalidade na região do Maciço de Baturité, que compreende os municípios de Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção.

criada numa família tradicional, com valores patriarcalistas, tomou as rédeas do destino e não se limitou a viver segundo os costumes da época, ou seja, onde a mulher deveria dedicar-se exclusivamente aos afazeres do lar, ao casamento e à maternidade.

Com base nos textos estudados/analísados, infere-se que há inter-relação entre memória e espaço, onde a cidade de Goiás é evidenciada através da materialidade linguística. Coralina traz à tona elementos identitário e socioeconômico da região, que são descritos de formas variadas e, muitas vezes, em tons nostálgicos.

Entre os temas abordados pela autora, constata-se, também, a identificação da mulher e as contradições sociais e culturais vivenciadas no século XX, num misto de memória individual e memória coletiva, o que a tornou um marco na luta pela expansão feminina. Salienta-se, ainda, que as obras de Coralina ganham destaque nas aulas e oficinas temáticas de literatura e/ou produção textual no CEJA em Baturité. Dentre os poemas destacam-se: "Assim eu vejo a vida" e "Meu destino".

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Cora Coralina, de Goiás. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, sábado, 27 de dezembro de 1980. Pagina 7. Caderno B.

_____. **Carta de Drummond**, 07 de outubro de 1983, in CORALINA, Cora. Vintem de Cobre – Meias confissões de Aninha Goiânia. Editora da Universidade Federal de Goiás, 1984. p. 17.

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARROYO, M. G. **Uma escola para jovens e adultos**: Reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular. São Paulo, 2003.

BANNEL, R. I. Formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico. In. **Movimento**: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense nº. 4 Niterói, Set. 2001.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **A via-láctea da palavra**: Adélia Prado e Cora Coralina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis;

BEZERRA, Kátia da Costa (Org.). **Gênero e representação na literatura brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 99-109.I.

BOTASSI, Miriam. **Cora Coralina conta um pouco da sua história**. Mulherio, jul. 1983. p. 9.

BRASIL, Ministério da Educação. **Proposta curricular 1º segmento**: educação para jovens e adultos. Brasília: MEC-SEF, 1995.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**/ Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Organização das nações unidas para educação, ciência e cultura – UNESCO. **Patrimônio Mundial no Brasil**, 2001. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/>. Acesso em: 10 jul 2018.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais em Gênero e educação**. FÁRIA, Nalu; NOBRE, Miria, et al (orgs). São Paulo: Coleção Cadernos Sempre Viva, 1999.

CASA DE CORA CORALINA. **Fundação Pró-Tur Cidade de Goiás**. Cidade de Goiás, folder s/d.

CASA VELHA DA PONTE. **Fundação Pró-Tur Cidade de Goiás**. Cidade de Goiás, folder 1998.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre - meias confissões de Aninha**. Goiânia. Editora da Universidade Federal de Goiás. 1983. 1ªed. p.109.

_____, Cora em "**Cora Política Coralina**". Jornal de Brasília, Brasília, 7 outubro de 1984.

_____, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo, Global. 1986. 7ª ed. p. 53

_____, Cora. **em trecho do poema "Voltei", do livro "Vintém de cobre: meias confissões de Aninha"**. 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997, p. 127.

_____. Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2001.

_____, Cora. **O prato Azul-pombinho**. Desenhos de Angela Lago. 2. ed. São Paulo: Global, 2002.

DAMASCENO, A. M. P; MESQUITA, M. P. S. **Contribuições norteadoras do currículo no contexto escolar**. 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20650_11028.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

DELGADO, Andréa Ferreira. Memória, trabalho e identidade: as doceiras da Cidade de Goiás. **Cadernos Pagu**, Campinas - SP. 1999. n.º. 13: 293 - 325. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635330>. Acesso em 10 dez. 2017.

_____, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na Batalha das Memórias**. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. 104 páginas

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____, Michel. O que é um autor? In: **Ditos e Escritos III**: Estética; Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos V).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOIANIDADE. Goiânia, número especial da **Revista da Associação Goiana de Imprensa**. 1992 p. 157

GOMES, Melissa Carvalho. **No rastro de Cora**: da literatura ao desenvolvimento local, identidade e cultura com açúcar e literatura. 2004. 128f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

O POPULAR, “**Cidade de Goiás, ontem e hoje**” Informativo, s/d.

OLIVEIRA, M. K. de. Especificidade do jovem e do adulto como sujeitos de aprendizagem. In: _____. **Processos cognitivos em Educação de Jovens e Adultos**, São Paulo: Ação Educativa, 1999.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. A leitura da literatura na educação de jovens e adultos. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

TEMPLO CULTURAL DELFOS, **Cora Coralina**. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>. Acesso: 07 dez. 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (1992), “**Doutora Honoris Causa**”. Cora Coralina. Séries nº 02. Láureas da UFG. Goiânia, Editora da Universidade Federal do Goiás, p. 16. Grifos no Original